

PRÊMIO NOBEL DE MEDICINA DE 2008

MEDICINE NOBEL PRIZE 2008

Ellis D' Arrigo Busnello

Por convite da Dra. Sandra Pinho Silveiro, Editora da nossa Revista do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, aceitamos a incumbência de escrever o editorial para o volume de dezembro/2008. O tema que a atuante Editora nos propôs foi o de comentar os artigos que, por tradição, são publicados nesse mês. Em suas palavras, *Todo o dezembro publicamos artigo(s) referente(s) ao Nobel de Medicina do ano, e que, nesse ano, como o professor deve saber, o receberam pesquisadores envolvidos com a identificação do HPV e HIV*. Os artigos por ela referidos e já encaminhados eram "O reconhecimento pela descoberta do Papilomavírus Humano (HPV)", dos autores Hammes, Naud e Matos (1) e "Descoberta do HIV: o reconhecimento" de Goldani (2). Havia uma exiguidade de tempo, aumentando a responsabilidade e a temeridade de aceitarmos o convite: risco calculado e previsto. A Dra. Sandra havia lido um comentário deste velho professor aposentado, mas ainda incluído na lista dos que recebem, por generosidade da Direção, as comunicações coletivas aos professores da Faculdade de Medicina da UFRGS, entre as quais se incluía a dirigida pelo Prof. Naud, que referia o seu envolvimento e o do seu grupo de pesquisa com os estudos que levaram ao reconhecimento do papel desempenhado pelo vírus do HPV no desenvolvimento do câncer de colo uterino. Usando sua autoridade de Editora, julgou que *nós seríamos a pessoa apropriada para redigir um editorial em relação às doenças, em seu sentido amplo, ficando ao nosso critério a forma e os detalhes*, e também o ônus do que aqui comentaremos. Os artigos mencionados estão na íntegra publicados nesta Revista.

O Prêmio Nobel de 2008 concedido a Françoise Barre-Sinoussi e Luc Montagnier deve ser por mim apenas referido que o reconhecimento dos mesmos ocorreu 27 anos depois da sua descoberta do vírus do HIV, por motivos que este comentarista se dá a ousadia de considerar como um momento de vacilação dos membros da Comissão de Outorga do Prêmio Nobel. Sem a estatura de um Montaigne, autor de uma frase por alguns criticável, mas por outros, como nós, que a ouvimos desde os tempos do Colégio (o nosso foi o Júlio de Castilhos, em seu esplendor e glória), nas aulas de francês, é plenamente aplicável no que se refere à demora no reconhecimento pela respeitável Academia de Ciências de Estocolmo. Montaigne cunhou a frase: "eu digo a verdade, não tanto quanto o gostaria, mas tanto quanto eu ousar, e vou ousando cada vez mais, à medida que envelheço". Se o Prêmio Nobel tivesse sido concedido num ato de coragem, com antecedência, um tempo importante não teria sido perdido para o desenvolvimento do aproveitamento daquela notável descoberta. As trocas de gentileza

ocorridas e que retardaram por muitos anos o reconhecimento devem ter causado perdas de tempo nos desenvolvimentos posteriores, que se seguem a uma descoberta de tal monta. É opinião deste comentarista de que, se no território da ciência, "a competição estimulatória deve estar presente", nunca deve justificar a perda de tempo do esperado desenvolvimento das vacinas terapêuticas e preventivas para a cura da AIDS.

Doutor em Ciências pela UFRGS, somos também Mestre em Saúde Pública na área de Concentração da Saúde Mental, pela *Bloomberg School of Hygiene and Public Health*, e seria imperdoável para uma pessoa com a nossa formação em Saúde Pública não usar o jargão clássico da Saúde Pública, definido por Leavel & Clark (3), quando trata da História Natural das Doenças e dos Níveis de Prevenção. A relação entre o Agente Etiológico, do Hospedeiro e do Ambiente, e os Níveis de Prevenção Primária (Promoção da Saúde e Proteção Específica contra as Doenças), de Prevenção Secundária (Diagnóstico e Tratamento Precoces e Diminuição dos Danos nos Tratamentos Tardios) e de Prevenção Terciária (Reabilitação), leva a que não se fale, nestes casos, que as pesquisas estão levando à cura, e sim que estão levando à Proteção Específica (Vacina) e abrindo a perspectiva maravilhosa da erradicação da doença da face da Terra, como ocorreu com a Varíola. O modelo da Varíola, em cuja erradicação estiveram envolvidos os Médicos de Saúde Pública da nossa Secretaria Estadual de Saúde, em seus anos de glória, entre eles cito Cláudio Marques da Silveira, é para este velho professor um conforto por saber que um dia o Homem eliminará todas as doenças da face da Terra.

Em nosso bilhete eletrônico para o Dr. Naud, referimos sobre a possibilidade de que a Vacina para o HPV abra a possibilidade para a extinção de ambas as doenças, a Infecção pelo HPV e o Câncer de Colo Uterino. Fica para este comentarista, entretanto, que, para este último, se não ficar extinto com a Vacina, estudos deverão ser continuados para se alcançar a sua cura.

Ocorreu-nos lembrar um episódio clássico na história da Prevenção das Doenças Infecto-contagiosas (*Communicable Diseases*): o enfrentamento da Poliomielite. Quando o Grande Estadista, em todos os sentidos, porque não estamos falando agora de pessoas comuns, Franklin Delano Roosevelt, sentiu na sua carne e no seu espírito as agruras da Paraparesia devida à Poliomielite e outras piores, tais como viver quadriparético, dentro de pulmões de aço, brotou dentro do mesmo, certamente, um grito de revolta que, segundo a grande George Sand, era para ela a sua mais apaixonada forma de mostrar Amor. Esta revolta/amor o levou,

provavelmente no ano final de sua vida, que ocorreu cerca de dois meses antes do término da Segunda Guerra Mundial (7 e 8 de maio de 1945 - Rendição da Alemanha e Assinatura do Tratado de Paz), a fundar o *Communicable Disease Center* (CDC) e instalá-lo em Atlanta, na Geórgia (USA). Para esta Instituição determinou, como primeira tarefa, que os cientistas dessem ao Povo Americano e à Humanidade uma vacina para a Pólio. Em 11 anos (1956), o CDC mostrou os primeiros frascos da Vacina Salk a um grupo de colegas recém graduados, da Turma Médica de 1955, que tivemos a honra de liderar, em uma visita de três meses (a Escolas Médicas e Instituições de Saúde, de janeiro a março de 1956), no CDC em Atlanta, incluído no nosso roteiro, do que se chamava na época Viagem de Estudos, e que eu diria hoje que era uma Viagem de Abertura de Horizontes, bem melhor do que as despesas maiores com as Formaturas atuais, antiacadêmicas e equiparadas a um espetáculo televisivo. Hoje, o CDC, por ter se dado conta de que o mesmo raciocínio que se aplica à História Natural das Doenças Contagiosas é o que se aplica às Doenças Degenerativas e Crônicas, ampliou seus objetivos e se chama *Center for Disease Control*, obviamente mantendo a sigla CDC, e prestando uma homenagem aos cientistas das Doenças Infecciosas que nos apontaram o caminho, tanto para os colegas das Doenças Crônicas e Degenerativas, como para nós, os profissionais médicos das Doenças e dos Transtornos Mentais. A palavra de ordem dada é a de não nos deixar ficar atrelados aos Pulmões de Aço, a fatalidade de uma infecção dita incurável, os doentes contagiados pelo HIV, as infecções pelo HPV, e as cirurgias dos Cânceres, no que nos compete neste Editorial ressaltar, o do Colo do Útero.



Franklin Delano Roosevelt, nascido a 30 de Janeiro de 1882 em Nova Iorque, foi o 32° presidente dos Estados Unidos da América. Durante a sua Presidência, Delano teve de enfrentar o período da Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial

Posso assegurar-lhes que nós, os professores das gerações mais antigas só podem ver com alegria e felicidade que os professores desta geração estão tendo a oportunidade de alargar sua visão sobre os rumos a que se orienta a Pesquisa, e por isso mesmo também a Assistência, o Ensino e, conseqüentemente, a Administração dos Servi-

ços de Saúde. Os objetivos mudaram. Eles são hoje a Prevenção e a Cura, sempre que possível.

Estes exemplos, da Pólio e do HPV, e os que derivarão da incansável busca da Cura do HIV, estão mudando completamente a maneira de encarar os objetivos da Medicina. Eles validam cada vez mais a Definição da Saúde colocada pela OMS, em 1947, quando instalada em Genebra, como um dos organismos das Nações Unidas: Uma Condição de Bem-estar Físico, Mental e Social. À época usou-se um adendo, hoje absolutamente sem sentido: "não apenas ausência de doenças". Saúde, definida, pelo negativo, o que *ad principium* fere qualquer definição, não encontra mais apoio como forma linguística e, hoje em dia, como expressão de uma verdade científica.

As terapêuticas curativas e a prevenção estratégica foram, com rara lucidez, colocadas por líderes da especialidade da qual sou Professor Titular aposentado, a Psiquiatria: Insel e Scolnick (4), o primeiro, do Instituto Nacional de Saúde Mental (NIMH) e, o segundo, do Instituto Maior do Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), ambos dos Estados Unidos. Eles colocam um desafio à Pesquisa que se faz no mundo, no campo da Saúde Mental, mas o consideramos também aplicável a todas as especialidades médicas, pois estamos firmemente convictos de que a Medicina é uma Ciência Biológica e que a sua Metodologia de Pesquisa é predominantemente a da Biologia. Embora este campo da Medicina e da Biologia tenha o ônus de ser aparentemente diferente do campo das Doenças Contagiosas e a maioria das Não Contagiosas, existe pequena evidência de que a morbidade e a mortalidade dos Transtornos Mentais tenham mudado por várias décadas. Eles atribuem este atraso não ao estigma que cerca as Doenças Mentais, mas ao fato de que, tanto os pesquisadores da Academia e os da Indústria Farmacêutica deram mais ênfase ao estudo de Drogas com menores efeitos adversos do que em abordagens que visem à cura e estratégias para a prevenção, de enfermidades tais como a Esquizofrenia e os Transtornos do Humor. Eles usam metaforicamente a figura que nos levou a referir a expressão positiva de revolta de Roosevelt, criticando os que, nos anos anteriores aos das vacinas antipólio, estavam fabricando e competindo na construção de Pulmões de Aço cada vez melhores. A Medicina Clínica não tem procurado as vacinas. Em Psiquiatria, temos nos conformado com Recuperações que não são nada mais do que um período de melhora um pouco mais longo do que o traduzido pela palavra Remissão. Não se pode negar que a pesquisa em Medicina Cardiovascular desenvolveu medicações com mecanismos de ação novos, baseados em Patofisiologia Molecular e com triagem através do estudo de pequenas moléculas, base para o desenvolvimento de novos medicamentos que podem levar à cura.

Os Prêmios Nobel deste ano, mesmo o concedido com atraso, apontam a necessidade de

identificar quanto antes o/ou/os agente(s) etiológico(s), as características individuais do(s) hospedeiro(s) e os fatores do meio ambiente que modulam as interações. Embora consideremos necessários os tratamentos paliativos, necessitamos os que vão se dirigir ao alvo, que é o núcleo patofisiológico das doenças. Também necessitamos que os objetivos das pesquisas sejam mais ambiciosos, buscando curas e intervenções preventivas para as incapacitações que causam as doenças.

Os artigos publicados neste número de nossa Revista do HCPA são uma clara Aula Magna que deve ser repassada a todos os nossos alunos de Graduação, de Pós-graduação Senso Lato e Senso Estrito e, porque não, para seminários de reflexão de nosso corpo de Professores, Médicos e das demais Áreas das Ciências da Saúde e das Ciências Humanas e do pessoal Auxiliar em atividades nestas áreas, para que fique marcada a idéia que o objetivo maior de nossas Instituições da Saúde na UFRGS é o de alcançar a Saúde pela eliminação das doenças através da Prevenção e dos Tratamentos Curativos; a vitória da Inteligência

sobre a ignorância, e da Humanidade sobre a barbárie representada pelas doenças físicas, mentais e sociais.

*Ellis D' Arrigo Busnello
Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

REFERÊNCIAS

1. Hammes LS, Naud PV, Matos JC. Reconhecimento pela descoberta do Papilomavírus Humano (HPV). Rev HCPA.2008;28(3):202-4
2. Goldani LZ. Descoberta do HIV: O reconhecimento. Rev HCPA.2008;28(3):205-6.
3. Leavell HR, Clark GE. Preventive Medicine for the Doctor and his Community. Mc Graw Hill Book Co., New York, 1953.
4. Insel TR, Scolnick EM. Cure therapeutics and strategic prevention: raising the bar for mental health research. Molecular Psychiatry. 2006;11:11-7.